

Hipodermóclise em foco: Análises das limitações, conhecimentos e aceitabilidade na prática

Hypodermoclysis in focus: Analysis of limitation, knowledge and acceptability in practice

Terezinha Aparecida Campos¹, Maycon Hoffmann Cheffer², Caroline de Souza Rocha Silva³, Ilma Carvalho Santana Oliveira⁴, Gabriel Alan da Silva⁵, Luana Patricia Weizemann⁶

RESUMO

Introdução: A hipodermóclise, conhecida como terapia subcutânea, é utilizada para hidratação e administração de medicamentos. **Objetivo:** Identificar na literatura as potencialidades e fragilidades referentes à adoção da hipodermóclise na prática clínica. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura nas bases Google Acadêmico, SciELO e LILACS, com os descritores “hipodermóclise”, “via subcutânea” e “administração de fluidos”. Critérios de inclusão: artigos completos publicados entre 2018 e 2023. Exclusão: estudos que não atendiam ao objetivo da pesquisa. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 257 artigos, após leitura de títulos e resumos, 128 elegíveis, restando amostra final de 07. A hipodermóclise mostrou-se uma alternativa segura e eficaz para a administração de fluidos em pacientes com desidratação leve a moderada e para o manejo de sintomas em cuidados paliativos. **Conclusão:** A hipodermóclise é técnica promissora com vantagens, como segurança e conforto. Para efetiva implementação, é necessário superar as fragilidades identificadas. Recomenda-se institucionalizar protocolos, capacitar profissionais com treinamento prático e priorizar pesquisas prospectivas e comparativas (via subcutânea em comparação à intravenosa), incluindo desfechos clínicos, experiência do paciente e custo-efetividade, a fim de consolidar a adoção baseada em evidências.

Palavras-chave: Hipodermóclise. Via subcutânea. Segurança do Paciente. Protocolos.

ABSTRACT

Introduction: Hypodermoclysis, also known as subcutaneous therapy, is used for hydration and drug administration. **Objective:** To identify in the literature the strengths and weaknesses related to the adoption of hypodermoclysis in clinical practice. **Methodology:** This is a literature review conducted in Google Scholar, SciELO, and LILACS databases, using the descriptors “hypodermoclysis,” “subcutaneous route,” and “fluid administration.” Inclusion criteria: full-text articles published between 2018 and 2023. Exclusion criteria: studies not aligned with the research objective. **Results and Discussion:** A total of 257 articles were identified; after screening titles and abstracts, 128 were deemed eligible, yielding a final sample of 7 studies. Hypodermoclysis proved to be a safe and effective alternative for fluid administration in patients with mild to moderate dehydration and for symptom management in palliative care. **Conclusion:** Hypodermoclysis is a promising technique with advantages such as safety and patient comfort. For its effective implementation, it is necessary to overcome the identified weaknesses. It is recommended to institutionalize protocols, provide multiprofessional training with practical skill development, and prioritize prospective and comparative studies (subcutaneous versus intravenous route), including clinical outcomes, patient experience, and cost-effectiveness, in order to consolidate evidence-based adoption.

Key words: Hypodermoclysis; Subcutaneous route; Patient safety; Protocols.

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Mestre em educação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. E-mail: tcamposzto@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9180-3268>

² Universidade Estadual do Centro Oeste - Unicentro. Docente de enfermagem da Universidade Estadual do Centro Oeste - Unicentro. E-mail: maycon-cheffer@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9361-0152>

³ Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: silvacarolinerocha20@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1461-8553>

⁴ Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: icsoliveira@minha.fag.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3965-5164>

⁵ Gabriel Alan da Silva, Discente do curso de enfermagem, Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: gabrielalansilva47@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5658-4351>

⁶ Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: lpweizemann@minha.fag.edu.br ORCID: 0000-0002-0470-4326

1. INTRODUÇÃO

A hipodermóclise, também conhecida como terapia subcutânea, é uma técnica antiga, cuja eficácia foi validada em 1859 pelo médico Charles Hunter ao utilizar analgésicos por meio dessa via. É uma via alternativa para a administração contínua ou intermitente de fluidos e/ou medicamentos, apresentando eficácia similar a via intravenosa, esse método se destaca por ser menos doloroso, menor ocorrência de eventos adversos e baixo custo em relação a outras técnicas de punção (PONTALTI *et al.*, 2016, VASCONCELLOS; MILÃO, 2019, CORDEIRO *et al.*, 2023).

É oportuno destacar que tal técnica permite a infusão de analgésicos e adjuvantes no controle da dor, além de alguns antimicrobianos e da possibilidade de hidratação. Porém a falta de padronização, de conhecimento e insegurança, pode levar a dificuldade de indicação e utilização da técnica nos serviços de saúde (VASCONCELLOS; MILÃO, 2019).

O período exato do surgimento da hipodermóclise ainda é obscuro. Os primeiros registros datam o período de 1859 a 1865, evidenciando o uso dessa via para administração de narcóticos em pacientes com dor e hidratação de pacientes durante a pandemia da cólera (SOUZA, 2020, BONIZIO *et al.*, 2021), além disso, registros começaram a surgir sobre o uso da via subcutânea para administração de fluidos.

A disseminação global da cólera no século XIX, associada ao crescimento industrial, colonização e intensificação da circulação de doenças, evidenciou a necessidade de aprimorar métodos para administração de líquidos. Nesse contexto, a hipodermóclise surgiu como alternativa diante dos frequentes colapsos venosos que, em muitos casos, impossibilitavam o acesso intravenoso convencional (VASCONCELLOS; MILÃO, 2019, BONIZIO *et al.*, 2021, COUTINHO, 2024).

Diante disso, durante o ápice da pandemia da cólera, que abrange a segunda metade do século XIX (1851 a 1900), a utilização da via subcutânea, por meio da hipodermóclise, para a administração de fluidos visando mitigar a desidratação, tornou-se amplamente difundida (BONIZIO *et al.*, 2021). Relatos clínicos da época reforçaram sua aplicabilidade em diferentes contextos assistenciais, sobretudo em situações de difícil acesso venoso.

Em 1921, relatório da *Annals of Surgery* destacou os benefícios e o baixo risco de complicações da hipodermóclise em comparação à via endovenosa. Na década de 1950, a técnica foi amplamente estudada em pediatria, geriatria e cuidados paliativos, dada a

dificuldade de obtenção de acesso venoso em situações de desidratação, medo e fragilidade capilar (AZEVEDO *et al.*, 2017, BONIZIO *et al.*, 2021).

Contudo, entrou em declínio na década de 1960, na Inglaterra. Com o avanço dos cuidados paliativos, ressurgiu como via segura para administração de medicamentos e, a partir de 1980, voltou à prática clínica, com ênfase em aspectos técnicos como volumes, tipos de fármacos, tempo de infusão e cuidados de enfermagem (GOMES *et al.*, 2019, VASCONCELLOS; MILÃO, 2019, BONIZIO *et al.*, 2021).

Assim, outros países, como o Canadá, foram adotando a técnica no contexto da assistência ao paciente. No contexto brasileiro, em 2009, o Instituto Nacional do Câncer (INCA) lançou o guia intitulado "Terapia subcutânea no Câncer Avançado" com o intuito de estabelecer padrões para as práticas de enfermagem, no que tange a terapia subcutânea em pacientes oncológicos, visando aprimorar a qualidade da assistência ao paciente e empoderar os profissionais envolvidos (BRASIL, 2009).

Nesta perspectiva indaga-se: Existem limitações técnicas, logísticas ou de recursos que dificultam a implementação da Hipodermóclise?

Com isso, o objetivo geral desse estudo é identificar na literatura as potencialidades e fragilidades referentes à adoção da hipodermóclise na prática clínica.

Infere-se que, atualmente, a prática da hipodermóclise é pouco difundida. Portanto, é de nosso interesse expandir o conhecimento sobre essa técnica, visando sensibilizar e aumentar o número de profissionais que utilizem essa técnica para assistir os pacientes em diversos ambientes assistenciais.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura, foi conduzida em seis etapas, sendo elas: a) Identificação do tema central e formulação da questão de pesquisa; b) Estabelecimento dos critérios de inclusão/exclusão dos estudos; c) Definição das informações a serem extraídas; d) Avaliação dos estudos incluídos na revisão; e) Interpretação/discussão dos resultados; f) Apresentação dos resultados obtidos com a revisão (DANTAS *et al.*, 2022). O foco central da pesquisa é identificar na literatura as potencialidades e fragilidades referentes à adoção da hipodermóclise na prática clínica.

Para formular as questões de pesquisa que guiou esta revisão integrativa, foi utilizada a estratégia PICO (P: problema; I: Fenômeno de Interesse; Co: Contexto). Considerou-se então: P: administração de fluidos por via subcutânea; I: potencialidades do

uso da técnica/ fragilidades na administração de fluidos com uso da técnica; e, Co: assistência à saúde. Desta forma, elaborou-se a seguinte questão para atender o objetivo da pesquisa: Quais as potencialidades e fragilidades do uso da técnica de administração de fluidos por via subcutânea nos diversos cenários da assistência à saúde?

Para o levantamento dos dados do estudo foram utilizados como meio de consulta, as bases de dados científicas: *Google Acadêmico*, *Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS)* e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, utilizando o Descritor em Ciências da Saúde (DECS): “hipodermóclise”, em conjunto com os termos não controlados: “via subcutânea” e “administração de fluidos”, associados ao operador *booleano AND*.

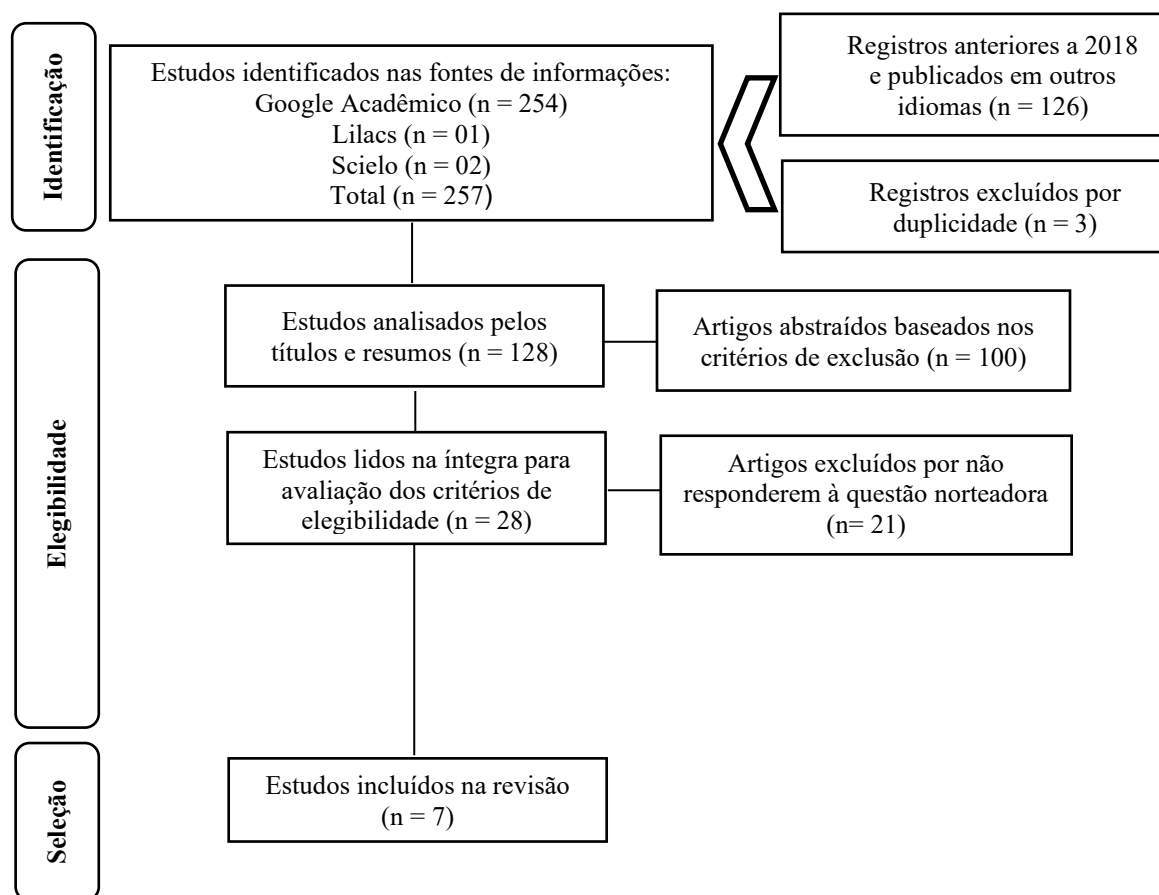
Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos completos nos idiomas espanhol, inglês e português, no recorte temporal entre 2018 e 2023, em que no resumo houvesse menção à hipodermóclise. Ressalta-se, que a escolha do intervalo temporal visou entender um período significativo e atual, considerando a quantidade e a relevância das publicações.

Os critérios de exclusão compreenderam estudos no formato de tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso, livro ou capítulo de livro, editorial, matéria de jornal, estudo reflexivo, artigos incompletos, protocolos institucionais, ou aqueles que não tinham relação com a temática, que não mencionava, ou que não estavam disponíveis na íntegra, além de outros estudos que não atendiam ao objetivo proposto na pesquisa.

A seleção dos artigos foi realizada de forma manual por dois pesquisadores. Priorizando publicações de alta qualidade, e que respondessem à questão norteadora da pesquisa. Todas as discordâncias foram resolvidas por meio de consenso entre os pesquisadores, levando em consideração os motivos para a inclusão, ou a exclusão de cada pesquisa selecionada após a leitura integral do documento. Possibilitando a elaboração do fluxograma subsequente (**Figura 1**), que representa o processo de seleção dos artigos.

Posteriormente, para a organização dos artigos selecionados, os dados foram coletados e inseridos no **Quadro 1**, previamente elaborado pelos autores no *software Microsoft Word®*, versão 2019, que inclui a caracterização dos estudos.

Figura 1: Fluxograma da seleção de artigos na base de dados da Google Acadêmico, SciELO e LILACS, conforme os critérios de inclusão e exclusão



Fonte: Autores (2024).

Os estudos incluídos foram avaliados quanto à clareza dos objetivos, adequação do delineamento, consistência dos resultados e pertinência em relação à questão norteadora. Embora não tenha sido aplicado um instrumento padronizado, como o Critical Appraisal Skills Programme (CASP) para estudos qualitativos ou a Newcastle-Ottawa Scale para observacionais, buscou-se reduzir o risco de viés mediante a leitura independente por dois pesquisadores, com resolução de divergências por consenso. Tal procedimento visou assegurar a confiabilidade da análise e a validade dos achados.

Destaca-se, que para a execução deste trabalho, foram atendidas as normas dispostas nas Resoluções nº. 466/2012 e nº. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e, por se tratar de revisão de literatura, não foi necessário submeter ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

3. RESULTADOS

Considerando a busca nas bases de dados, foram encontrados 257 artigos provenientes da busca inicial (Figura 1). A leitura dos títulos e resumos resultou na identificação de 128 estudos elegíveis. Após a leitura completa dos 28 artigos selecionados que, três estavam duplicados assim, atenderam os critérios de inclusão e exclusão a amostra final de 07 estudos.

Quadro 1: Caracterização dos Estudos

Ano/ País/Base	Autores	Título	Potencialidades	Fragilidades
2019/ BRASIL / Google Acadêmico	GUEDES, N. A. B. <i>et al.</i>	Complicações da via subcutânea na infusão de medicamentos e soluções em cuidados paliativos	- Baixo risco de danos ao paciente; - Via segura, confortável e menos dolorosa.	- Pouco utilizada pela falta de conhecimento; - Dúvida entre os fármacos que podem ser administrados.
2020/Brasil/ SciELO	MARTINS, S. B., <i>et al.</i>	Percepções de cuidadores familiares sobre o uso da hipodermóclise no domicílio	- Via confortável; - Fácil aplicabilidade; - Poucas aplicações; - Menos dolorosa; - Via preferencial para pacientes em cuidados paliativos.	- Insegurança de manuseio; - Falta de conhecimento; - Pouca prática por não conhecer a técnica.
2018/Brasil/ Google Acadêmico	FREITAS, I. M. <i>et al.</i>	Análise do uso de hipodermóclise em pacientes oncológicos em Cuidados Paliativos internados em dois hospitais públicos de Belo Horizonte	- Via preferencial para pacientes em cuidados paliativos; - Evita punções venosas repetidas; - Mesma eficácia da endovenosa; - Segura e menos dolorosa; - Baixa incidência de eventos adversos.	- Baixo índice de utilização nas instituições; - Necessidade de capacitação; - Fragilidades técnicas.
2019/Brasil/ Google Acadêmico	GOMES, N. S. <i>et al.</i>	Validação de instrumento para avaliação do conhecimento profissional acerca da hipodermóclise	- Via segura e confortável; - Ocorrência em domicílio; - Fácil manuseio; - Pouca complexidade; - Baixo risco de infecção.	Baixo conhecimento teórico-prático da equipe.
2021/Brasil/ Google Acadêmico	LIMA, H. B., ABRAHÃO, A. L. CHAGAS, M. S.	Educação em Saúde para realização de terapia subcutânea em domicílio: Uma pesquisa intervenção pautada na educação permanente em saúde.	- Via fácil de manuseio; - Poucas complicações; - Método seguro; - Via de alternativa válida; - Baixo custo.	- Falta de capacitação dos profissionais; - Escassez na prática por não conhecer a técnica.

2019/Brasil/ SciELO	SANTOS, G. L. A., et al.	Qualificação da assistência de enfermagem paliativista no uso da via subcutânea.	• Variedade de sítio de punção. • Via segura; • Baixo custo; • Baixa complexidade.	• Escassez de conhecimento; • Pouca habilidade para desenvolver a técnica.
2018/Brasil/ Google Acadêmico	MENEZES, S. G. F. MEDEIROS M. O. S. F.	O conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre a hipodermóclise no idoso	• Baixo custo; • Baixa incidência de infecção; • Variedades de sítios de inserção; • Via segura e confortável.	• Falta de domínio da técnica; • Ausência de protocolos institucionais.

Fonte: Autores, 2024.

4. DISCUSSÃO

A hipodermóclise é uma técnica antiga, eficiente e segura para administrar fluidos, medicamentos e realizar hidratação por via subcutânea. Essa abordagem é especialmente vantajosa para pacientes cuja rede venosa periférica está comprometida por diversos fatores, como desidratação, presença de fístulas para hemodiálise, envelhecimento que reduz a elasticidade das veias, efeitos da radioterapia local ou tratamentos quimioterápicos anteriores (GOMES *et al.*, 2019, VASCONCELLOS; MILÃO, 2019).

Em relação às potencialidades da hipodermóclise, este estudo revelou que segurança e conforto são unanimemente destacados pelos autores do Quadro 1, os quais descrevem a técnica como segura e menos dolorosa. No entanto, apesar da literatura demonstrar que é uma via segura, a hipodermóclise ainda é pouco utilizada na prática clínica, em especial no Brasil.

De acordo com Freitas *et al.* (2018) e Guedes *et al.* (2019), a técnica oferece um baixo risco de complicações e é particularmente valorizada em contextos de cuidados paliativos. Sua natureza menos invasiva reduz o desconforto para o paciente, o que é fundamental para aqueles em fases avançadas de doenças ameaçadoras a vida ou com acesso venoso periférico comprometido.

A facilidade de aplicação e manuseio são aspectos positivos da hipodermóclise. Estudos como os de Martins *et al.* (2020) e Lima, Abrahão, Chagas (2021), ressaltam que a técnica é simples de utilizar e pode ser realizada com relativa facilidade, o que a torna vantajosa em diversos contextos de assistência à saúde, como hospitais e ambulatórios.

Devido a sua facilidade de execução em todos os contextos, Guedes *et al.* (2019) e Gomes *et al.* (2019) afirmam que a hipodermóclise facilita a continuidade dos cuidados, pois, proporcionando maior conforto ao paciente em seu próprio lar.

Cabe ressaltar que, embora a busca inicial tenha identificado 257 publicações, apenas 7 estudos atenderam aos critérios de inclusão. Esse número reduzido de estudos limita a robustez das conclusões, pois restringe a generalização dos achados e pode não contemplar a diversidade de contextos assistenciais nos quais a hipodermóclise é aplicada. Assim, os resultados devem ser interpretados com cautela, reforçando a necessidade de novas pesquisas, preferencialmente prospectivas e multicêntricas, que ampliem a base de evidências sobre a técnica

No que diz respeito as fragilidades da hipodermóclise, alguns aspectos que limitam a adoção dessa técnica na prática clínica é a falta de conhecimento, ausência de treinamento e conhecimento entre os profissionais de saúde. De acordo com Freitas *et al.* (2018), Martins *et al.* (2020), e Lima, Abrahão, Chagas (2021), a baixa capacitação e o desconhecimento da técnica podem restringir sua aplicação eficaz. A falta de familiaridade com a técnica pode levar a inseguranças e erros na administração, afetando a qualidade do cuidado.

A hipodermóclise ainda é subutilizada, estudos como o de Santos *et al.* (2019), Menezes e Medeiros (2018) sugerem que a baixa adoção da técnica pode estar relacionada à falta de protocolos institucionais e à resistência a mudanças nas práticas assistências. Esta baixa utilização pode ser um reflexo da falta de conhecimento e da ausência de uma cultura organizacional que promova o uso dessa técnica e sensibilize o prescritor a prescrever o uso dessa via.

Outra fragilidade está associada à insegurança e às dúvidas sobre quais medicamentos podem ser administrados por via subcutânea. Guedes *et al.* (2019) e Martins *et al.* (2020) destacam que essas dúvidas podem causar hesitação na utilização da hipodermóclise, mesmo quando ela se apresenta como uma opção viável.

Nesta perspectiva, diríamos que os protocolos institucionais são fundamentais para guiar a prática. A ausência de diretrizes claras e protocolos institucionais, torna-se um limitador para a adoção da técnica. Segundo Menezes e Medeiros (2018), a falta de protocolos contribui para a variabilidade na prática e pode impactar a eficácia e a segurança da técnica. A implementação de protocolos e diretrizes robustas é essencial para assegurar a consistência e a qualidade do cuidado.

A literatura é clara ao afirmar que a administração subcutânea de medicamentos e soluções pode ser considerada uma alternativa segura e eficaz para infusão. Essa via

apresenta um risco relativamente baixo de complicações, e a maioria delas é facilmente reversível, com pouco potencial para causar danos significativos aos pacientes.

Atualmente, a hipodermóclise é amplamente empregada em pacientes em cuidados paliativos, que frequentemente enfrentam desidratação, veias periféricas frágeis e de difícil acesso. Assim, a administração subcutânea se apresenta como uma alternativa valiosa (VASCONCELLOS, MILÃO, 2019, CORDEIRO, 2023). No entanto, essa técnica ainda é pouco conhecida e utilizada entre os profissionais de saúde.

Infere-se que a adoção mais ampla dessa técnica pode oferecer benefícios significativos, particularmente para pacientes que requerem cuidados prolongados ou que enfrentam desafios com o uso de métodos de infusão mais invasivos.

A técnica de punção por hipodermóclise visa manter a autonomia, a mobilidade, o conforto do paciente utilizando locais de punção que possibilitam a infusão subcutânea de grandes volumes. É importante, no entanto, compreender que a absorção através dessa via ocorre por meio de forças hidrostáticas e osmóticas, que facilitam a entrada dos fluidos no espaço intravascular.

Compreende-se que a implementação de protocolos institucionais e diretrizes terapêuticas é essencial para aprimorar a qualidade do cuidado centrado no paciente, perante o uso da hipodermóclise. Nessa perspectiva, e no sentido de empoderar e respaldar a enfermagem, em 2020, o Conselho Regional de Enfermagem (COREN, 2020) do Paraná emite o Parecer n°. 004/2020 afirmando que, além dos enfermeiros, os técnicos de enfermagem possuem competência legal para realizar a punção subcutânea necessária para a hipodermóclise e para administrar medicamentos e/ou fluidos por essa via.

É imprescindível que a hipodermóclise seja realizada mediante prescrição específica. Enfermeiros e técnicos de enfermagem devem possuir conhecimento teórico e capacitação prática, sendo que, no caso dos técnicos, o procedimento deve ocorrer sob supervisão de enfermeiro e em conformidade, por exemplo, com as disposições legais da Lei do Exercício Profissional, do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e do Conselho Regional de Enfermagem (COREN).

Como sinalizado anteriormente, a hipodermóclise serve para administração contínua ou intermitente de fluidos e/ou medicamentos, o que possibilita qualidade de vida aos pacientes (GUEDES *et al.*, 2019). Entre suas vantagens, destacam-se a dispensa de insumos complexos, o fácil manejo, a menor dor, o reduzido risco de infecção, além de proporcionar conforto e praticidade. Configura-se, ainda, como valiosa opção para

pacientes que não conseguem utilizar a via oral, devido a problemas de deglutição, ou a via endovenosa, em razão da fragilidade venosa, podendo ser realizada em diferentes ambientes, inclusive no domicílio (GOMES *et al.*, 2019, VASCONCELLOS; MILÃO, 2019).

Nessa perspectiva, considerando que esse método oferece vantagens, benefícios, recomendações e poucas complicações, podendo colaborar para melhorar a qualidade de vida do paciente. Todavia, embora haja vantagens, também é preciso estar atento as contraindicações relativas e absolutas (GOMES *et al.*, 2019, VASCONCELLOS; MILÃO, 2019), a saber:

1) Contraindicações relativas: Ascite, áreas de infecção/inflamação, proximidades de articulações, áreas com circulação linfática prejudicada (pós cirurgia ou radioterapia), feridas na pele, proeminências ósseas, em áreas com tumores, ou em pacientes submetidos a diálise peritoneal, caquexia, síndrome da veia cava superior.

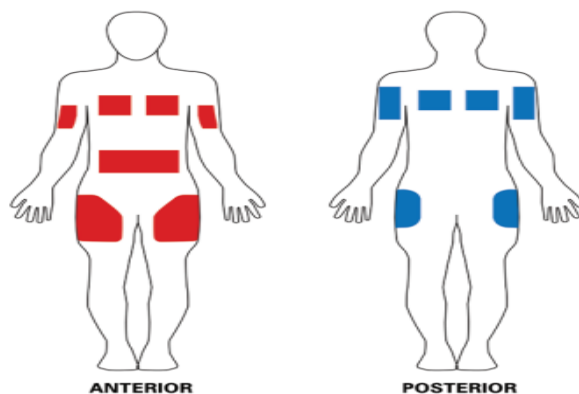
2) Contraindicações absolutas: Recusa do paciente e/ou familiar, falência circulatória, reposição volêmica rápida (desidratação grave, choque), anasarca, trombocitopenia grave.

A absorção de fármacos por via subcutânea é notável por sua distribuição uniforme e processo de absorção gradual e lento, sendo essencialmente mediada pelos capilares sanguíneos e linfáticos. O transporte de fármacos é primariamente conduzido por mecanismos de difusão capilar e perfusão tecidual. Devido a essas características, esta via de administração minimiza a exposição inicial ao metabolismo hepático, resultando em uma significativa elevação da biodisponibilidade dos fármacos (VASCONCELLOS; MILÃO, 2019).

Portanto, é imprescindível considerar rigorosamente os locais de punção a serem escolhidos, ponderando conforme destacado por Vasconcellos e Milão (2019), as características clínicas individuais de cada paciente, incluindo seu conforto, mobilidade e independência. Também é fundamental ponderar que, em pacientes desnutridos, pode haver uma redução na espessura do tecido subcutâneo. Conforme Vasconcellos e Milão (2019):

As áreas indicadas para punção possuem capacidades volumétricas de absorção diferentes permitindo a administração de volumes de até 1500mL em 24 h por sítio de punção, sendo viável a realização de dois sítios distintos que totalizem 3000mL por dia.

- Abdominal: capacidade de até 1000mL/24 h
- Torácica: capacidade de até 250mL/24 h
- Deltoide: capacidade de até 250mL/24 h
- Escapular: capacidade de até 1000mL/24h
- Anterolateral da coxa: 1500mL/24 h (VASCONCELLOS; MILÃO, 2019, p. 10).



Fonte: Vasconcellos e Milão, 2019.

Destaca-se, a importância de observar todos os cuidados durante a escolha do local da punção, execução da técnica e volume a ser infundido, visando assegurar a eficácia e o conforto do paciente, além de prevenir complicações que possam afetar seu bem-estar.

Outra consideração importante diz respeito aos medicamentos que podem ser administrados por meio da técnica de hipodermóclise. Para facilitar a compreensão, apresentamos esses medicamentos no **Quadro 2**, vejamos a seguir:

Quadro 2: Compatibilidade de medicamentos para administração pela via subcutânea

MEDICAMENTOS	Ampicilina	Antropina	Cefepima	Cefotaxima	Ceftriaxone	Ceftazidima	Cetorolaco	Dexametasona	Dipirona	Escopolamina	Fentanil	Fenobarbital	Furosemida	Haloperidol	Hioscina	Insulina	Levomepromazin	Ketamina	Metadona	Metoclopramida	Midazolam	Morfina	Octreotida	Ondansetrona	Ranitidina	Tramadol
Ampicilina		NT	NT	NT	NT	NT				NT	NT		C	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT
Antropina	NT		NT	NT	NT	NT				NT	NT		C	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT
Cefepima	NT	NT		NT	NT	NT				C	NT		C	C	NT	NT	C	NT	NT	C		C	C	C		C
Cefotaxima	NT	NT	NT		NT	NT				NT	NT		NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT
Ceftriaxone	NT	NT	NT	NT		NT				NT	NT		C		NT	NT	NT	NT	NT	C	C	C	C			NT
Ceftazidima	NT	NT	NT	NT	NT					NT	NT		NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT
Cetorolaco																										
Dexametasona																										
Dipirona																										
Escopolamina	NT	NT		NT	NT	NT					NT		NT	C	NT	NT	NT	NT	NT	C	C	C	C	C	NT	C
Fentanil	NT	NT	NT	NT	NT	NT				NT			NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT	NT
Fenobarbital																										
Furosemida	NT	NT	C	NT	C	NT				NT	NT				C	NT	NT	NT	NT				NT		C	NT
Haloperidol	NT	NT	C	NT		NT				C	NT		NT		C	NT	NT	C	C	NT	C	C	NT	NT	NT	C
Hioscina	NT	NT	NT	NT	NT	NT				C	NT		NT	C		NT	NT	C	C	C	C	C	C	C	NT	C
Insulina	NT	NT	NT	NT	NT	NT				C	NT			NT	NT		C	NT	NT	C	C	C		NT		C
Levomepromazina	NT	NT	C	NT	NT	NT				NT	NT		NT	C	NT	NT		NT	NT	C	C	C	NT	NT		NT
Ketamina	NT	NT	NT	NT	NT	NT				C	NT		NT	C	C	NT	NT		NT	C	C	C	NT	C	NT	NT

Metadona	NT	NT	NT	NT	NT	NT	I	I	I	C	NT	I	NT	C	C	NT	NT	NT		C	C	I	NT	NT	NT	I	
Metoclopramida	NT	NT	C	NT	C	NT	I	I	I	C	NT	I	I	C	C	C	C	C	C		C	C	C	NT	C	C	
Midazolam	NT	NT	I	NT	C	NT	I	I	I	C	NT	I	I	C	C	C	C	C	C		C	NT	C	I	I	I	
Morfina	NT	NT	C	NT	C	NT	I	I	I	C	NT	I	I	C	C	C	C	C	I	C	C		C	C	C	I	
Octreotida	NT	NT	C	NT	C	NT	I	I	I	C	NT	I	NT	NT	C	I	NT	NT	NT	C	NT	C		NT	NT	NT	
Ondansetrona	NT	NT	C	NT	I	NT	I	I	I	C	NT	I	I	NT	C	NT	C	C	NT	NT	C	C	NT		NT	NT	
Ranitidina	NT	NT	I	NT	I	I	I	I	I	C	NT	I	C	I	NT	I	I	NT	NT	C	I	C	NT	NT		NT	
Tramadol	NT	NT	C	NT	NT	NT	I	I	I	C	NT	I	NT	C	C	NT	NT	NT	I	C	I	I	NT	NT	NT		

Fonte: Vasconcellos, Milão (2019).

Legenda: Branco = não testado (NT); Verde = compatível (C); Vermelho = incompatível (I).

Nos últimos anos, essa técnica tem sido recomendada cada vez mais, e observa-se, um aumento progressivo no interesse por essa temática, com um crescimento na quantidade de publicações. Estas, por sua vez, auxiliam na compreensão mais aprofundada e no desenvolvimento de protocolos institucionais (MENEZES, MEDEIROS, 2018, PEREIRA *et al.*, 2024).

Para o uso seguro e eficiente dessa técnica, é essencial avançar no conhecimento dos profissionais envolvidos. Assim, recomenda-se o desenvolvimento e implementação de protocolos assistenciais de boas práticas para o uso da hipodermóclise, os quais devem delinear claramente as responsabilidades específicas de cada membro da equipe de Enfermagem (COREN/PR, 2020).

Indubitavelmente, a hipodermóclise representa uma estratégia eficaz na administração de medicamentos, especialmente em pacientes com rede venosa periférica frágil e comprometida. A crescente produção acadêmica, e o interesse por esta técnica, destacam a necessidade de formação continuada e protocolos bem definidos para assegurar sua aplicação segura e eficaz. A colaboração entre profissionais de saúde e órgãos reguladores é essencial para a promoção de melhores práticas e, consequentemente, a melhoria na assistência ao paciente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipodermóclise representa uma técnica promissora para a administração subcutânea de fluidos e medicamentos, apresentando diversas vantagens, tais como, segurança, conforto e adequação a distintos contextos assistenciais. No entanto, para que esses benefícios sejam plenamente alcançados, é imprescindível abordar e superar as fragilidades identificadas, incluindo a carência de conhecimento e capacitação, a baixa taxa de utilização, e a necessidade de protocolos bem definidos.

O investimento em educação continuada para os profissionais de saúde, juntamente com o desenvolvimento e a implementação de diretrizes institucionais, constitui um passo fundamental para aprimorar a implantação da hipodermóclise, impactando positivamente a qualidade do cuidado oferecido aos pacientes. Embora esta técnica seja reconhecida como antiga e segura, especialmente benéfica para pacientes com fragilidade de acesso venoso periférico, sua adoção na prática clínica permanece aquém do esperado, particularmente no contexto brasileiro.

As principais barreiras para a implementação da hipodermóclise, incluem a falta de conhecimento e capacitação dos profissionais de saúde, a ausência de protocolos institucionais adequados, e a incertezas quanto à compatibilidade dos medicamentos administrados por essa via. Destaca-se, que a literatura científica evidencia que a hipodermóclise apresenta uma baixa taxa de complicações e custos reduzidos, estabelecendo-se como uma alternativa viável.

Além disso, a técnica proporciona maior conforto e autonomia aos pacientes, permitindo a infusão de fluidos e medicamentos por meio de forças hidrostáticas e osmóticas. Portanto, a formulação e a implementação de diretrizes e protocolos claros, são essenciais para mitigar as limitações atuais e garantir a eficácia e segurança na administração de medicamentos, promovendo, assim, uma prática clínica mais integrada e centrada no paciente.

Infere-se que a utilização da hipodermóclise apresenta impacto prático relevante para os serviços de saúde, os profissionais e os pacientes. Trata-se de uma técnica de baixo custo, que aprimora a eficiência do cuidado ao reduzir a necessidade de insumos complexos e procedimentos invasivos, otimizando os recursos institucionais. Para os pacientes, proporciona maior conforto e melhor qualidade de vida, favorecendo a assistência em distintos cenários, inclusive no domicílio, consolidando-se, assim, como uma alternativa viável e aplicável na prática clínica.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, D. L. *O uso da via subcutânea em geriatria e cuidados paliativos*. 2. ed. Rio de Janeiro: SBGG, 2017. Disponível em: https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2017/11/SBGG_guia-subcutanea_2aedicao.pdf. Acesso em: abr. 2024.

BONIZIO, M. C. L. R. et al. Hipodermóclise na história da enfermagem: atribuições para enfermeiras no Brasil (1916-1943). *Hist enferm Rev eletrônica*, v. 12, n. 2, p. 37-48, 2021. Disponível em: <https://here.abennacional.org.br/here/v12/n2/a4.pdf>. Acesso em: abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer – INCA. *Terapia subcutânea no câncer avançado*. Rio de Janeiro: INCA, 2009. 32 p. (Série Cuidados Paliativos). ISBN 978-85-7318-146-31. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/Terapia_subcutanea.pdf. Acesso em: abr. 2024.

CORDEIRO, K. G. et al. Potencialidade e desafios no uso da hipodermóclise em pacientes adultos: revisão integrativa. *Advances in Nursing and Health*, v. 5, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/anh/article/view/45061/48376>. Acesso em: mar. 2024.

COREN. Conselho Regional de Enfermagem. *Parecer Técnico COREN/PR n°. 004/2020: Competência da enfermagem na punção e administração de medicamentos na hipodermóclise*. Curitiba: COREN/PR, 2020. Disponível em: <https://www.corenpr.gov.br/2020-004-parecer-tecnico-coren-pr-competencia-da-enfermagem-na-puncao-e-administracao-de-medicamentos-na-hipodermoclise/>. Acesso em: abr. 2024.

COUTINHO, J. S. L. et al. Impacto da metodologia de problematização no conhecimento de estudantes de enfermagem e medicina sobre hipodermóclise: estudo quase experimental. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 32, e4132, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.7006.4132>. Acesso em: out. 2024.

DANTAS, H. L. L. et al. Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. *Revista Recien*, v. 12, n. 37, p. 334-345, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24276/rrecien2022.12.37.334-345>. Acesso em: 25 set. 2024.

FREITAS, I. M. et al. Análise do uso de hipodermóclise em pacientes oncológicos em Cuidados Paliativos internados em dois hospitais públicos de Belo Horizonte. *Revista Médica de Minas Gerais*, v. 28, supl. 5, p. e-S280516, 2018. Disponível em: <https://rmmg.org/artigo/detalhes/2448>. Acesso em: abr. 2024.

GOMES, N. S. et al. Validação de instrumento para avaliação do conhecimento profissional acerca da hipodermóclise. *Rev. enferm. atenção saúde*, v. 8, n. 1, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1009903>. Acesso em: out. 2024.

GUEDES, N. A. B. et al. Complicações da via subcutânea na infusão de medicamentos e soluções em cuidados paliativos. *Rev Rene*, v. 20, p. e40933, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/46189>. Acesso em: mar. 2024.

LIMA, H. B.; ABRAHÃO, A. L.; CHAGAS, M. S. Educação em saúde para realização de terapia subcutânea em domicílio: uma pesquisa-intervenção pautada na educação permanente em saúde. *Revista Pró-UniverSUS*, v. 12, n. 2, 2021. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/2988>. Acesso em: out. 2024.

MARTINS, S. B. et al. Percepções de cuidadores familiares sobre o uso da hipodermóclise no domicílio. *Enfermería Actual de Costa Rica*, n. 38, p. 103-120, 2020. Disponível em: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-45682020000100103. Acesso em: out. 2024.

MENEZES, S. G. F.; MEDEIROS, M. O. S. F. O conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre a hipodermóclise no idoso. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 7, n. 1, p. 48-54, 2018. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/1690>. Acesso em: ago. 2024.

PEREIRA, D. B. et al. A terapia subcutânea no contexto dos cuidados paliativos. **Revista Foco**, v. 17, n. 8, p. e6035, 2024. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/6035>. Acesso em: out. 2024.

PONTALTI, G. et al. Benefícios da hipodermóclise na clínica paliativa de pacientes com câncer: relato de caso. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 62, n. 3, p. 247-252, 2016. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/222>. Acesso em: out. 2024.

SANTOS, G. L. A. et al. Qualification of palliative nursing assistance in the use of the subcutaneous route. **Rev. Bras. Enferm**, v. 73, n. 5, p. e20190056, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/5v98hfgS3dxB7hNJ865jY8g/?lang=pt>. Acesso em: ago. 2024.

SOUZA, R. E. Incidência e fatores associados às complicações no uso da hipodermóclise em idosos em cuidados paliativos. 2020. Dissertação (Mestrado em Saúde e Enfermagem) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/49236>. Acesso em: out. 2024.

VASCONCELLOS, C. F.; MILÃO, D. Hipodermóclise: alternativa para infusão de medicamentos em pacientes idosos e pacientes em cuidados paliativos. **Pajar - Pan-American Journal of Aging Research**. v. 7, n. 1, p. e32559, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/2357-9641.2019.1.32559>. Acesso em: abr. 2024.